
A descoberta, a ética e o sensacionalismo

¹Adelina Buzini COSTA E SILVA, ²Cecilia Cristina Marques dos SANTOS

¹UNESP- IBILCE - São José do Rio Preto –SP (docente aposentada)

²Núcleo Ciências Químicas e Bromatológicas-Centro de Laboratório Regional de São José do Rio Preto

A atividade jornalística está em constante busca de novos assuntos e, conseqüentemente, de resultados imediatos que alimentem o público com novidades. Em geral, a fórmula certa passa pelo sensacionalismo, exagero e pseudas polêmicas.

Por outro lado, a pesquisa científica é necessariamente mais lenta, uma vez que, requer testes e comprovações que levam tempo para serem validados. O tempo porém, não constitui um fator que impeça o pesquisador de divulgar a sua pesquisa, ao contrário, lhe traz a fundamental segurança para expor à sociedade a conclusão do seu trabalho.

Há de se refletir sobre as formas pelas quais os diversos veículos de comunicação têm divulgado os resultados da pesquisa científica. Sem dúvida, há uma progressiva melhora na abordagem da ciência, pela mídia em geral, mas ainda enfrentamos a força das manchetes que resume e simplifica em uma única frase “rentável” a complexidade, o esforço e a ousadia de uma pesquisa científica.

Assim, surgiu a ideia da Síntese da Criação com o anúncio da primeira “bactéria sintética”.

A pesquisa do americano Craig Venter permitiu que o núcleo genético de uma bactéria projetado por computador e elaborado em

laboratório, constituísse na mais próxima forma de vida que a ciência alcançou criar.

Sabe-se que Craig não partiu de matéria inanimada e com ela produziu um ser vivo, e sim apenas orientando-se por meio de *softwares* reorganizou o material genético de uma bactéria (2010): apagou o *software* biológico e enxertou outro muito parecido.

Este não é o maior avanço genético de todos os tempos. O título fica ainda, com Watson e Crick, pais da biologia molecular, em 1953, ao decifrar e propor uma estrutura para o ácido desoxirribonucléico (DNA).

Charles Darwin (1859) com a teoria da evolução natural criou os fundamentos da biologia moderna e seus preceitos ainda continuam, de que “Todo ser vivo tem um antepassado” e a nova pesquisa não criou um organismo a partir do zero.

Entretanto, a façanha de Craig significa um salto para a engenharia genética com possibilidades práticas nas áreas de agronomia, produção de vacinas, “criação de algas” que convertam o dióxido de carbono em biocombustível em escala eficaz do ponto de vista econômico, entre outras. Conforme alguns pronunciamentos de pesquisadores, a descoberta reforça a aplicação da tecnologia na

resolução de problemas ligados ao meio ambiente.

Os geneticistas apresentam com cautela os resultados de suas pesquisas denotando certa humildade. O sensacionalismo dos resultados de Craig fica por conta da onda de euforia da “euforia triunfalista” que percorreu de ponta a ponta do planeta, pelas conexões da internet.

É necessário cautela na aceitação dos resultados obtidos e cuidado na utilização da retórica evitando domínio do poder do conhecimento. Tais pesquisas e, principalmente, a divulgação de seus resultados por meios não científicos e suas consequências, nos faz refletir sobre a questão ética da pesquisa científica, uma vez que direta ou indiretamente afetará o ser humano.

A humanidade já passou por situações de verdadeiras barbaridades e nos conduziu a criação

da Declaração de Helsink, entendida como um dos documentos que representam as teses democráticas dos povos e, portanto, patrimônio da humanidade, pelo seu valor de referência como diretrizes éticas a serem observadas em pesquisa.

Em 1999, houve uma tentativa de reversão de algumas teses historicamente humanitárias com visão exclusivamente no lucro. Em uma era de globalização e fundamentalismo econômico fica a cargo do pesquisador preservar a sua independência, a criatividade e sobretudo a sua responsabilidade do bom uso de suas descobertas, lembrando que: ***“A abelha por Deus foi amestrada. Sem haver um processo bioquímico. Até hoje não houve nenhum químico pra fazer a ciência dizer nada” (Zé Ramalho).***